SJB SELECTION

CRÍTICA · SOUL

Golden | Jill Scott

SJB SELECTION · OUTUBRO DE 2026

Nem todas as canções de amor precisam de duas pessoas.

Às vezes basta uma pessoa que, depois de passar demasiado tempo a ver-se pelos olhos dos outros, decide finalmente recuperar-se a si mesma.

É aí que vive *Golden*.

Jill Scott lançou-a em 2004, como primeiro single de *Beautifully Human: Words and Sounds Vol. 2*. Escreveu-a com Anthony Bell, que também produziu o tema.

Mas chamar-lhe simplesmente neo-soul é como chamar ao sol uma lâmpada: tecnicamente, alguma coisa bate certo, mas perdemos quase tudo.

Porque aqui o importante não é o género.

O importante é a liberdade.

Liberdade de quê?

Jill Scott nunca o diz bem. E é isso que é bonito.

As correntes de que canta não têm nome nem cadeado. Podem ser um amor que ficou apertado demais, o medo de errar, o julgamento dos outros, as expectativas que se colam a nós como roupa escolhida por outra pessoa.

Por isso, *Golden* faz uma coisa curiosa: pega em algo tão pesado como uma corrente... e põe-no dentro de uma música que pesa tanto como o ar.

O groove caminha. A voz sorri. O soul mistura-se com o gospel, o R&B com o spoken word.

Jill Scott não soa como se estivesse a cantar contra alguém.

Soa como se estivesse a afastar-se de alguma coisa.

E isso é uma diferença enorme.

A voz dela não bate na porta. Abre-a.

Mas é uma canção de amor?

Sim. Só que, desta vez, o amante é a própria vida.

Nenhuma fonte séria liga *Golden* a um parceiro ou a uma relação concreta. Quem a ouviu com atenção ouve outra coisa: aceitação de si, conhecer o próprio valor.

Então talvez a verdadeira pergunta desta canção não seja: quem me vai amar?

É uma pergunta muito mais incómoda.

Quanto da minha vida estou realmente a viver como eu?

E é por isso que o título funciona tão bem.

O ouro costuma ser algo que se compra, se guarda, se fecha num cofre.

Aqui não.

Aqui, o ouro não é algo que se possui.

É algo em que nos tornamos.

Musicalmente, tudo alimenta essa sensação. A produção de Anthony Bell é quente, elástica, luminosa. Não constrói um monumento à volta da cantora: constrói-lhe uma estrada.

E Jill Scott percorre-a com aquela voz a meio caminho entre cantora, poeta e pregadora: fala, canta, insiste, acaricia as palavras, até a mensagem pessoal se tornar partilhada.

É aqui que *Golden* deixa de ser apenas uma bela canção soul.

Torna-se quase uma pequena cerimónia.

Primeiro ouves Jill Scott falar da sua própria liberdade.

Depois, sem dares por isso, começas a pensar na tua.

E essa é provavelmente a sua intuição mais forte: não nos dizer quais são as correntes.

Porque, se tivessem nome, seriam só dela.

Sem nome, tornam-se também nossas.

E assim *Golden*, por baixo daquela superfície solar, esconde um pensamento muito menos inocente do que parece.

Podemos passar uma vida inteira dentro de uma gaiola sem dar por isso, sobretudo quando a gaiola é confortável.

Jill Scott não nos diz para a deitarmos abaixo.

Faz algo mais elegante.

Abre a porta, deixa entrar o sol, e começa a caminhar.

> ***O ouro não é algo que se possui. É algo em que nos tornamos.***